

***Na condição de se imaginar estar (sem ser) em estado de Coxia***, por Alexandre Mate.

Depois de ter assistido à destruição implacável, absurda de incontável número de seres humanos, o dramaturgo e escritor irlandês Samuel Beckett, participando de imenso coro de gente humanista, calou-se. Verdade não ser pequeno o coro de “gente” que busca explicar as mais devastadoras formas de genocídio. O fato concreto ocorreu quando os Estados Unidos da América, em agosto de 1945, lançaram duas bombas (atômicas) em Nagasaki e Hiroshima, dizimando todos os tipos de seres vivos naquelas duas cidades.

O autor irlandês que dentre outras atribuições já havia sido secretário de James Joyce, iniciou um processo de exílio cada vez mais intensificado. Talvez ele até pudesse ser visto em Paris, mas, em essencialidade, depois do ato de extermínio, de 1945, Beckett encaminhou-se, paulatina e radicalmente, para dentro de si mesmo. A consciência do “nada a fazer” (quase sinônimo de inação), diante das atrocidades e genocídios histórico-sociais, levou-o a afirmar algo como: “Não tenho nada a dizer, entretanto, apenas eu sei como fazê-lo!” As obras de Beckett passaram por processos de “desliteraturização” total. A partir de determinado momento, a dramaturgia de Beckett, basicamente, implodiu pelo de-dentro. Se havia personagens (ou figuras) em obras anteriores, suas últimas e lancinantes criações, nasceram sem personagens, sem fábulas, sem sequências apreensíveis, quase antiteatrais. *Not I* se caracteriza em um exercício radical (quase de antiteatralidade) em que “apenas” uma boca superdimensionada, por intermédio de uma lente, se manifesta.

Tomando como mote inicial sobretudo a antológica, niilista e patética *Esperando Godot*, por meio da qual a desesperança absoluta do original ganhou uma adaptação pelo romeno-francês, Matéi Visniec (*O Último Godot*); Jorge Vermelho e Alexandre Manchini iniciam um processo de imersão. Na “aventura”, depois de algumas experimentações, desenvolvidas durante parte do processo pandêmico, decorrente da Covid-19, a dupla de artistas da Companhia Azul Celeste convidou Georgette Fadel para, em parceria com Vermelho, dirigirem a obra batizada *Tudo a Fazer*. Do conjunto criador, nasceu uma obra que transita pelo grotesco, tartamudeante, expressionista

Em *Tudo a Fazer*, Beckett – expulso, pela porta dos fundos, de um determinado teatro – depara-se com a personagem-espera(nça): Godot. De figura aludida em

*Esperando Godot*, o caráter enigmático permanece, em razão de ela, no jogo da cena, aparecer, quase todo o tempo na/em penumbra. Henrique Neves vive Beckett, Jorge Vermelho vive Godot. O embate entre ambos, assim como a luz do espetáculo, tingido por tons de cinza, é expressionista. Dois cestos de lixo, uma tela verde, com destaque da palavra “saída” em neon, também em verde... A tela se caracteriza em território do chroma-key (cromaqui), técnica bastante utilizada no universo visual, para projeção de vídeos que criam a ilusão de algo que existe apenas visualmente. Ilusão criada na espetacular *A Invenção de Morel* (de Adolfo Bioy Casares), que também parece ser outra influência da obra em destaque.

Do conjunto de possibilidades de apreensões e interpretações possíveis de *Tudo a Fazer* é preciso destacar a metáfora da coxia. Em tese, em razão de a obra transitar pela metateatralidade, a espera de alguém no espaço representacional corresponde, em rebatimento semelhante, àquela na vida social. De outro modo, a condição de ser o que se é apenas em estado de fuga, manifestação concessão. Viver significa estar em concessão... Fernando Pessoa, Luigi Pirandello, Franz Kafka... podem ser percebidos em um jogo de espelhamento que “avança” em relação aos originais. O espetáculo tem uma concepção estética repleta de beleza e de símbolos potentes. Em determinado momento, e sempre em ampliação numérica, vai sendo formado um coro de espectância. Coro que completa o quadro cênico, que objetivamente não intervém na cena, mas que faz soltar as asas da imaginação. Pirandello em *Seis Personagens à Procura de um Autor* nomeia a imaginação como uma “empregadinha essencial ao ato criativo”.

Retomando a belíssima concepção espetacular, se as personagens da cena, encontram-se em um beco, sem perder de vista a condição de estar na coxia; em rebatimento situacional, a área de público funcionaria como uma cena silenciosa e escura ou, de outro modo, local em que “nada se faz!”; em que apenas se assiste!; onde se está sem ser! Muitas, muitas camadas de traduzibilidade. Teatro em estado de abissalidade, promotor de estados do sujeito com seus mistérios indecifráveis!

*Tudo a Fazer* se caracteriza em espetáculo belo, potente, transgressor, instigante. Retomando a frase de Beckett, citada inicialmente: pela musicalidade, jogos de luz, interpretação, desenhos de cena, expedientes e refinamento estético, o resultado espetacular da *Azul Celeste* conseguiu relativizar as (in)certezas beckettianas e imprimir uma reviravolta do “nada” ao “tudo fazer”.